

# «MATER ET MAGISTRA»

RUI FACÓ

II

Seria exagero dizer-se que a Igreja nada aprendeu nestes três quartos de século em que se vem ocupando da questão social. Se Leão XIII qualificava o socialismo "peste", Pio XI quarenta anos depois — quando o socialismo já estava sendo construído na URSS — admitia o socialismo dos social-democratas de direita, que denominava "socialismo mitigado". Afirma: "Por este caminho to da renúncia à luta de classes por parte do proletariado e o da conservação da propriedade privada dos meios de produção podem os princípios deste socialismo mitigado vir pouco a pouco a reconciliar com os votos e reclamações dos que procuram reformar a sociedade segundo os princípios cristãos" (Quadragésimo Anô).

Era uma "mudança". A Igreja abandonava um de seus "sectores". Mas sabia o que estava fazendo. Sabia que o "socialismo mitigado" dos socialistas de direita não oferecia qualquer perigo às instituições burguesas, no domínio da burguesia, à ordem social vigente na maior parte do mundo. X as três décadas transcorreram, com uma guerra mundial de perigo e revoluções socialistas em vários países, virem demonstrar que os socialistas

de direita funcionavam precisamente como sustentáculos da organização capitalista da sociedade. A Igreja nada perdeu em apoiar este "socialismo".

Que visava ela com semelhante manobra?

Desviar os trabalhadores do caminho do socialismo revolucionário, do movimento comunista para o socialismo que se conspiciu chamar de reformista, dos partidos social-democratas da Europa.

Na nova encíclica, o Papa João XXIII, ainda no domínio das palavras, avançou um pouco mais. Nem fala em "peste" (pela qual se deixaram contaminar muitos milhões de pessoas em todo o mundo), nem mesmo coloca condicionais ante o socialismo. Diz-se textualmente em Mater et Magistra: "A socialização também fructu e expressão da tendência natural, dificilmente controlável, pela qual os homens se reúnem espontaneamente..."

Levando-se em conta que aqui se traduz o pensamento de uma organização tradicionalmente reacionária como é a Igreja Católica, esta afirmação constitui um notável passo à frente para adaptar-se a uma situação de fato, à realidade de nossa época. Se atribuímos à expressão "natural", com que a Igreja se refere hoje à tendência à socialização, o mesmo conceito por ela empregado em relação à propriedade privada, por exemplo, temos que a tendência à socialização representa a vontade de Deus... E acrescenta: "Ninguém pôe em dúvida que devesse desenvolver-se a socialização de certos grandes negócios". E adiante: "... a socialização pode e deve realizar-se de maneira tal que proporcione o máximo de vantagens..."

A Igreja não pode mais furiar-se a uma definição destas, depois dos malogros sucessivos nas suas tentativas desesperadas de conter o avanço das ideias do socialismo no mundo.

Mas, de que espécie de socialismo se trata em Mater et Magistra?

Ainda uma vez o "socialismo" dos social-democratas de direita, que preserva a propriedade privada dos meios de produção — um socialismo impossível, portanto.

A Igreja, embora suas evidentes concessões verbais, mantenha o princípio da sacralidade da propriedade privada sobre os meios de produção. Neste ponto, João XXIII reafirma as posições de Leão XIII: "... a propriedade privada, sem exceção, é dos instrumentos de trabalho, é um direito natural de cada um, que de modo algum é sujeito ao Estado suprimir".

Teríamos então um "socialismo" em que permanece a exploração do homem pelo homem — um "socialismo" tipo escandinavo, de que tanto amam falar os que têm medo do socialismo marxista. A manutenção do regime capitalista, sem mais nem menos.

Ainda que considere que, "no campo econômico a parte principal compete à iniciativa privada dos cidadãos", admite a nova encíclica que o Estado ("os poderes públicos") desenvolva no campo econômico "uma ação multifórmica, mais vasta e mais organizada". E "é lícito ao Estado e às instituições públicas aumentar suas propriedades..."

Assim, a Igreja católica põe de lado outro "princípio", o relativo ao papel do Estado no domínio econômico. A Rerum Novarum só admitia a iniciativa dos particulares, isto é, dos capitalistas privados, nos assuntos econômicos. No fim do século passado, a intervenção estatal ainda estava no berço. O capital monopolista apenas iniciava sua carreira e não necessitava da intervenção do Estado, a seu favor para regular este ou aquele ramo da produção, para conquistar mercados, ou ainda, em caso de guerra ou deflagração de crises. A burguesia monopolista era bastante forte para dispensar o controle direto ou a intervenção estatal em seu favor. Por isso, Leão XIII aconselha a terminação desta: "E não se deve pedir a providência do Estado, porque o Estado é posterior ao homem..."

Os pontos de vista da Igreja modificaram-se neste terreno. Lá-se em Mater et Magistra: "E tendência de nossa época atribuir propriedades cada vez maiores ora ao Estado, ora a instituições públicas". Ressaltando porém: "sem perigo sobretudo de diminuir as propriedades dos particulares e, o que seria pior, eliminá-las".

Como justificativa de semelhante renúncia, o Papa oferece um argumento de

cabo de esquadra: "... a História e os monumentos atestam que, onde os regimes políticos não atribuem aos particulares a posse mesma dos bens produtivos, aí é violado o completamente destruído o uso da liberdade humana em questões fundamentais".

E o caso de Portugal? Em Portugal e Espanha, que há mais de um quarto de século vivem sob a rocha sangrenta tirania fascista, abençoada pelo Vaticano, foi por acaso suprimida a propriedade privada dos bens de produção? Ao contrário, esta propriedade, concentrada em poucas mãos, de magnatas e exploradores coloniais, é a base mesma dos regimes opressivos que dominam a península Ibérica sob Salazar e Franco.

Sabe-se também que nos principais países capitalistas as propriedades estatais podem aumentar inmensuravelmente sem que por isso venha a sofrer qualquer abalo a grande burguesia. Uma longa experiência histórica mostra que a estatização da economia em regime burguês não prejudica absolutamente a classe dominante. Depois da Segunda Guerra Mundial a estatização parcial da economia da Inglaterra não significou nem de longe o socialismo. E quando foi da conveniência da burguesia inglesa se proceder à desestatização.

No que se refere a países como o nosso, em processo de desenvolvimento, um dos conselhos da nova encíclica dá bastante tempo ven sendo posto em prática: a intervenção do Estado no domínio econômico. Sem dúvida alguma favorecendo os interesses nacionais contra os dos grupos imperialistas estrangeiros, mas sem abalar absolutamente as bases do regime burguês. Ao contrário, reforçando-as. Nas nossas condições de país semicolonial, possibilitando, de certa forma, resistir a determinadas pressões e imposições do imperialismo norte-americano (embora nem sempre...).

Vemos, assim, que a Igreja católica só dá um passo à frente no sentido do progresso quando se trata de coisas óbvias, só reconhece fatos consumados, e aqueles que estão de acordo com os interesses essenciais das classes dominantes em cada país e da burguesia no mundo. A Igreja Católica mantém integralmente suas posições de força assessora das classes dominantes: em

favor da sociedade dividida em classes, política de colaboração de classes, preservação integral e irreversível da propriedade privada dos meios de produção.

Que pretende então a Igreja com certos malabarismos verbais sustentados pela nova encíclica papal? Nada mais nada menos do que pretende o grande capitalismo internacional: apresentar o capitalismo aos olhos das massas trabalhadoras. A Mater et Magistra, em tudo o que se refere ao domínio econômico e social, está impregnada da "nova" concepção burguesa sobre o capitalismo, pretendo que ele se transforme em "capitalismo popular", "capitalismo humanizado", etc. Propõe, em suma, o que a burguesia norte-americana, inglesa, francesa, italiana sugere para enganar a classe operária e os trabalhadores em geral: participação dos operários nos lucros das empresas capitalistas, difusão de ações destas entre os operários, que os operários cheguem a participar pouco a pouco da propriedade das próprias empresas, e outras quimeras semelhantes. Seu objetivo? Manter a todo custo a ordem de coisas burguesa, a propriedade capitalista, a exploração do homem pelo homem. E a verdade que tudo isto com suas aparências de muito boas intenções que podem iludir os incautos.

Porque a Igreja vai chegando a um beco sem saída, com as transformações radicais que se processam no mundo, na fisionomia econômica, política, social dos países, com os avanços formidáveis da ciência e da técnica. Se estes avanços hoje se realizam de preferência num país socialista, aquele que primeiro inventou o caminho da construção socialista, todo indica que dentro em pouco os demais países socialistas to-

marão a dianteira, em todos os terrenos, em relação ao capitalismo. A decadência do capitalismo torna-se patente para um número cada vez maior de pessoas, que ganham uma nova consciência da realidade. Assim, a religião, consciência de um mundo que está morrendo, é substituída, na mente dos homens, por outra compreensão do mundo e das coisas, da natureza e do próprio homem. E a Igreja Católica se vê ante a alternativa de adaptar-se a esta nova realidade, ou perder, em proporções crescentes o que lhe seguem os ditames.

É bastante sintomática, neste sentido, a posição de muitos católicos, no Brasil inclusive, discordando frontalmente das posições mais reacionárias da Igreja em vários problemas. A tal ponto que se fala, já nos últimos tempos, entre nós, de uma "infiltração comunista" na Igreja. A suposta infiltração não passa, na realidade, do desacordo de féis católicos quanto as posições de intolerância medieval que a Igreja ostenta em face aos problemas sociais de nossa época. Não obstante, a campanha sistemática movida pela Igreja católica contra o socialismo marxista — o único que se torna realidade no mundo — infundidos católicos vão se capacitando da verdade sobre a União Soviética e os demais países socialistas. Rebem que as religiões e crenças são não respeitadas. Que desde sempre os comunistas o com preendem que somente uma nova consciência do mundo, baseada na ciência, pode substituir a consciência fabricada pela religião. E isto é um trabalho paulatino e a longo prazo. Nada tem impedido, porém, que católicos (ou ortodoxos, protestantes, budistas, etc.) colaborem com os comunistas na construção da sociedade socialista.

## «COMO ENCARAR O PROBLEMA DE BERLIM?»

Teoria e Prática

Apelônio de Carvalho

(PERGUNTA DA LEITORA MARIA FONTES, DE COPACABANA, ESTADO DA GUANABARA)

O problema de Berlim Ocidental é parte integrante do problema alemão e depende dele: são as brancas ainda áreas da última guerra. Sua solução definitiva é a mesma: a reunificação da Alemanha, em bases pacíficas. Como se vê, trata-se de um problema alemão — e, em última instância, cabe aos alemães solucioná-lo.

A assinatura de um tratado de paz passa a constituir, assim, uma condição básica para a reunificação da Alemanha. Sem ela, o povo alemão não pode integrar-se em sua plena soberania, em seus direitos, na possibilidade efetiva de escolher e encaminhar suas relações, livres de forças de ocupação e pressões externas. Ela é também necessária a todos os demais povos, interessados em entrar a atmosfera da Europa e liquidar o foco de tensão e guerra fria que o revanchismo e o armamento atômico desenvolvidos na Alemanha Ocidental. Aliás, os tratados de paz são a regra geral, depois de um conflito armado: a Itália e demais aliados da Alemanha nazista já os assinaram, em 1947. E o povo alemão, há 16 anos, continua esperando.

Existia, no entanto, a base jurídica necessária: os Acordos de Potsdam, de 1946. Existem propostas concretas e projetos de Tratado, já apresentados pela URSS, em 1952 e 1953. As potências ocidentais e o governo Adenauer não os levaram, porém, em conta: preferiram intensificar a divisão do país e sua conservação em favor de interesses próprios: viram uma nova moeda, na parte Oeste; impuseram os Acordos de Paris, violando Potsdam; impuseram o fechamento: fizeram dos Bonaventureros de Pöhl e outros dos olhos do Plano Marshall, incluíram a Alemanha da Bona na OTAN; e levaram a criação de dois Estados diferentes, na mesma Alemanha: a República Democrática, baseada no Acordo geral de Potsdam; a República Federal, apoiada nos Acordos separados de Paris.

Mesmo assim, o caminho continua aberto para normalizar-se a situação. As propostas da EDA e da URSS indicam esse caminho: o contato entre os dois povos alemães existentes e o debate das questões relativas ao tratado de paz e à reunificação pacífica; a convocação de uma Conferência com os demais Estados que participaram da guerra — e a elaboração e assinatura do tratado de paz. Este poderá ter uma forma única, para os dois Estados; e poderá ter formas diferentes, desde, porém, que se baseiem nos mesmos princípios de solução pacífica do problema alemão. Só em último caso, a URSS e os demais povos socialistas firmariam um tratado de paz em separado, com a República Democrática Alemã.

Resta a questão de Berlim Oeste. Os imperialistas criam ali uma tensão artificial: têm todo interesse em guardar mais tempo essa ilhéta do capitalismo dentro de um Estado socialista como base de espionagem, subversão e choques possíveis. O que os assusta, porém, é a assinatura do tratado de paz, que a URSS e os países socialistas não podem para este ano. Assim, procuraram turvar a atmosfera, já que não têm forças para fazer outra coisa: acitam o fantasma de uma guerra imediata, que começaria em Berlim mesmo; multiplicam as incursões de espies e agentes para perturbar o trabalho e a vida da RDA, criar o pânico da guerra iminente — e, assim, multiplicar os contingentes de refugiados e agravar a tensão internacional.

Também aqui, as propostas dos governos da RDA e da URSS inserem-se no caminho pacífico para um tratado de paz: a transformação de Berlim Ocidental em Cidade Livre, desmilitarizada do regime de ocupação, das organizações de espionagem e das campanhas e incursões de sabotagem e fomento da guerra fria. Uma cidade neutra e livre, apoiada em garantias internacionais; e cujo estatuto de neutralidade — afirma Walter Ulbricht — "a República Democrática Alemã respeitará sempre, certa de servir, assim, a causa da paz e os interesses de todos os povos".

**NOVOS RUMOS**

Diretor: Mário Aires

Editor: Mário Aires

Redação: Av. Rio Branco 237, 3º andar, 9/1115 — Tel. 87.5344

Gerência: Av. Rio Branco 267, 3º andar, 9/965

ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 300,00
Semestral	Cr\$ 150,00
Trimestral	Cr\$ 75,00
Quinzenal	Cr\$ 37,50
Mensal	Cr\$ 18,75

ASSINATURA AÉREA

Anual	Cr\$ 1.600,00
Semestral	Cr\$ 800,00
Trimestral	Cr\$ 400,00
Quinzenal	Cr\$ 200,00
Mensal	Cr\$ 100,00

**NR ROMANCE**

**Iuri Gagárin**

**MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO**

Tradução de Rui FACÓ

Ilustrações de MAX

O objetivo dos Institutos de Pesquisas Científicas, os birds de construtores, das fábricas e das organizações experimentais, ao criarem um novo foguete destinado às comunicações interplanetárias dedicaram esse lançamento ao XXI Congresso extraordinário do Partido Comunista da União Soviética.

As razões sobre tudo o quanto se havia conseguido conhecer do vôo do foguete, eu me senti literalmente doente e mais de uma vez pensei quanto minha instrução era insuficiente. Sem perda de um dia, devia continuar os estudos.

Três semanas depois do lançamento do foguete multifásico, sob calorosos aplausos dos delegados, Nikita Sergueievitch Krushchov dizia no seu informe perante o XXI Congresso do Partido: "O primeiro satélite artificial da Terra foi um satélite soviético: o primeiro planeta artificial do sistema solar foi um planeta soviético. Nos limitados espaços do Universo, ele condiz orgulhosamente o estado estatal da União Soviética, com a inscrição: "União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Janeiro, 1959".

XXI Congresso do Partido! Ao traçar o grandioso plano setenal de alirior desenvolvimento da economia do país, ele desortinou perante nosso povo, que chegava ao período da construção da sociedade comunista, grandiosas tarefas em todos os domínios das relações econômicas, políticas, ideológicas e internacionais. Ao estudar profundamente os materiais do Congresso, compreendíamos que o plano setenal era um novo e decisivo passo no caminho do desenvolvimento histórico de nossa Pátria. Ante os soviéticos, o Congresso colocava um nitido e nobre objetivo, e para a sua consecução cada um necessitava trabalhar bem. Quanto a nós, aviadores, com maior empenho ainda, cumprir seu dever, manter vigilância nos céus pacíficos do País Soviético.

106

Vivíamos em formação, o que é importante quando se tratam combates aéreos; vivíamos "à cega", guiados nos por instrumentos; estudávamos rádio-navegação. Travávamos combates simulados sobre o mar. Chegávamos a treinar com "adversários" tão experimentados como Boris Vódivin. Ele era um valeroso piloto combatente e considerado interceptador invulnerável.

Certa vez, fui incumbido de interceptar o avião de Vódivin. Para interceptar e atacar o avião do "adversário" era necessário ultrapassá-lo e atacá-lo pela retaguarda. Ao ganhar altura, passei à zona de mira. Consegui, sem que Vódivin o notasse, atacá-lo pela parte superior traseira da semi-esfera. Mas, até que eu atingisse a distância de fazer fogo, a fim de fixar a derrota do objetivo na fila da metralhadora, Vódivin conduziu seu aparelho MIG numa reviravolta fechada. Eu o acompanhava e assim fizemos girar alguns minutos um contra o outro, sem que nenhum de nós pudesse atingir a retaguarda do "adversário". Cada um se esforçava e permanecia inativo. E verdadeiramente continuávamos girando num furioso carrossel, até que o depósito de combustível se esvaziasse, mas Vódivin deu ordem para que eu me aproximasse de seu aparelho e, mutuamente satisfeitos, lado a lado, voltamos ao aeródromo. Nos ares, eu havia esvoaçado todo no mundo e via sómente em função do vôo.

— Está bom, meu irmão — disse com um sorriso provocador Vódivin quando chegamos em terra, quando a tensão nervosa passou: — derrotas o teu mestre. Assim, depois de uma semana.

Era um hábito seu pilhar com as pessoas que lhe agradavam.

Para meu desenvolvimento como avião e como piloto contribui a prática sistemática do esvaziamento. No inverno, eram a neve e o gelo; no verão, a água e o sol. O basquete

107

me agradava por sua impetuosidade e vivacidade e também pelo fato de que nele dominava o espírito da competição coletiva. O lançamento da bola à cesta na corrida e nos saltos aperfeiçoavam os golpes de vista, a precisão e o movimento harmônico de todo o corpo. Existem outros jogos interessantes e úteis, mas eu, como velho entusiasta do basquete, devo dizer, aproveitando a oportunidade, que na minha opinião, não há outro jogo melhor.

O tênis é também um jogo ótimo, exige resistência física, boa visão, presença de espírito e inteligência. Mas, infelizmente, em toda parte onde tive oportunidade de servir e estudar, não existiam campos de tênis. E é uma pena, pois que para o aviador militar o tênis é de grande utilidade e o que é bom para o aviador é bom para todos. E este talvez o único jogo esportivo que se pode praticar desde a infância até idade avançada.

As tornar-me candidato a membro do Partido, fomos dada uma tarefa de caráter social: a redação da "Fólia Militar" da esquadilha. Ai publicávamos observações dos aviadores e técnicos sobre a vida e o estudo, registrávamos os êxitos obtidos nos exercícios de vôo, criticávamos-se aqueles que praticavam erros. A circulação da "Fólia Militar" coincidia com importantes acontecimentos políticos que viria o país. Um de seus melhores números, na opinião dos dirigentes políticos, foi o que dedicamos à viagem de Nikita Sergueievitch Krushchov em missão de paz aos Estados Unidos da América, em setembro de 1959. Três dias depois da partida de Krushchov de Moscou para Washington, tivemos lugar na União Soviética dois acontecimentos literalmente imortais e que aconteceram em todo o mundo: no rio Níeva, no lugar em que atronou numa noite tempestuosa de outubro de 1917 o lendário cruzador AURORA, ebeza o notável início da paz, o quebra-gelo atômico "Lénin", e a Lua dirigiu-se

108

tico. No Congresso foram pronunciadas palavras autorizadas sobre as tarefas de nosso Estado no terreno da defesa da paz e da salvaguarda de ameaça de ataque por parte das potências imperialistas, no sentido de que, enquanto existirem blocos militares agressivos, é necessário reinvigorar e aperfeiçoar as Forças Armadas Soviéticas.

O inverno rugia à porta, mas o Congresso traxa à vida do país uma vivificação primaveril. Tudo se movimentava, entrava em ação, despertava. Por toda parte germinavam as sementes do novo.

O XXI Congresso do Partido esvoaçou uma enorme influência em minha vida. Precisamente naqueles dias felizes, havia finalmente amadurecido em mim a decisão de me apresentar como candidato a membro do Partido. Pois todos aqueles que eu me esforçava por imitar, com os quais tinha aprendido a viver e trabalhar, eram comunistas. E quando a este respeito falei ao secretário de nossa organização partidária, Anatoli Fávlovitch Rosliákov, ele disse, em aprovação:

— Está certo, Iuri, o Partido fez de ti um combatente de boa tempera.

Naquela mesma dia escrevi uma declaração, gastando não pouco papel, pois havia encontrado algumas dezenas de palavras que correspondiam ao meu estado de espírito e aos meus sonhos. Camaradas e a organização do Komsomol recomendaram-me, e eu fui logo admitido como candidato a membro do partido. Isto me obrigava a trabalhar, a estudar com maior afinco ainda, a fim de justificar a grande confiança. Naquela tempo era meu livro de cabeceira a HISTÓRIA DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA.

Os acontecimentos felizes sucediam-se uns aos outros. Em meados de abril levei Vália para a maternidade próxima à nossa guarnição. Eu queria que nascesse uma menina.

109

Já não havia dúvida de que apresentaria esta pedido. Eu não temia ter que recomendar a vida.

VI — PREPARATIVO NÚMERO UM

Alguns dias depois do regresso de Krushchov dos Estados Unidos, quando o povo americano, os povos de todos os países, mais uma vez se convenceram claramente da aspiração de paz da União Soviética, nossos cientistas lançaram o terceiro foguete cósmico. Esse foguete circumdava a Lua, fotografou-a para a Terra. Era uma nova e inédita vitória que mais uma vez comovia toda a humanidade. Novamente, uma onda de ovação percorreu todos os continentes em honra da União Soviética.

A vida trazia correções substanciais a meus projetos e planos. Se eu há bem pouco pensava: ainda é tempo para meditar — agora compreendi: não podia tardar mais. No dia seguinte, conforme exigem os estatutos militares, apresentei ao comando meu pedido de inscrição no grupo de candidatas a cosmonautas. Parecia-me ter chegado a hora de completar-se esse grupo. E não me enganava. Passei pela comissão médica especial.

A comissão era exigente. Não se tratava absolutamente de exames médicos comuns como aqueles pelos quais passávamos apaixonadamente. Estávamos habituados a exames e nada de "vôo" experimentamos. Mas aqui, a começar da primeira experiência, que era um oculista, comendrei o quarto nível de seriedade. O exame da vista era extremamente rigoroso. Em vista era necessário haver "pontos" de luz, ler correntemente e sem vacilação, a uma certa distância, (Continua)